

**Feminismos Globais
Estudos de caso comparados
de Mulheres Militantes e Intelectuais**

BRASIL

Shirley Villela

Entrevistadora: Sueann Caulfield

**Rio de Janeiro, Brasil
11 de julho de 2014**

**University of Michigan
Institute for Research on Women and Gender
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290
Tel: (734) 764-9537**

**E-mail: um.gfp@umich.edu
Website: <http://www.umich.edu/~glblfem>**

© Regents of the University of Michigan, 2015

Shirley Villela nasceu e viveu no Rio de Janeiro desde seu nascimento, em 1964, até 2003. Já casada e com um filho e uma filha, morou em Maryland (EUA) por três anos, onde iniciou sua experiência profissional nas questões de Gênero, trabalhando como voluntária para IGTN (International Gender and Trade Network). Voltou ao Brasil e foi morar em Brasília onde se graduou em Letras Português-Inglês no Centro Universitário de Brasília (UniCeub).

Em Brasília, trabalhou no Ministério da Educação, alocada na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), assessorando a publicação de livros sobre diversos temas, como gênero, feminismo, direitos da mulher, educação no campo, educação indígena, racismo na escola, educação ambiental, dentre outros. Ainda em Brasília, trabalhou, de 2007 a 2012, no UNIFEM/ONU Mulheres na coordenação, acompanhamento e gerenciamento dos projetos desenvolvidos no âmbito do Programa Regional Orçamentos Sensíveis ao Gênero nos países do Cone Sul onde atuava: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Teve oportunidade, durante esse período, de acompanhar as discussões sobre outros projetos na instituição, como enfrentamento à violência contra a mulher e direitos econômicos das mulheres.

Voltando para o Rio, começou a trabalhar na organização Redes de Desenvolvimento da Maré, em 2012, onde desde então coordena o projeto Maré de Sabores, de geração de renda e qualificação profissional para mulheres. É também coordenadora da Casa das Mulheres da Maré, em fase de construção. No âmbito do projeto Maré de Sabores, faz a mediação de encontros de gênero com as alunas dos cursos de Gastronomia. Busca provocar a reflexão sobre a condição das mulheres na sociedade contemporânea nas esferas local e global.

Sueann Caulfield é Professora Associada do Departamento de História da Universidade de Michigan. Foi diretora do Center for *Latin American and Caribbean Studies* (LACS) (1999-2004) e atualmente dirige o *Brazil Initiative Social Science Cluster*. É especialista em história do Brasil contemporâneo, com ênfase em gênero e sexualidade. Ela recebeu vários prêmios e bolsas da *Fullbright Commission*, *National Endowment for the Humanities*, e *American Council of Learned Societies*. É autora de, entre outros, o livros *Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, *Honor, Status and the Law in Modern Latin American History* (organizado em co-autoria com Sarah Chambers e Lara Putnam), e vários artigos sobre gênero e historiografia, e direito de família, raça e sexualidade no Brasil. Sua pesquisa atual versa sobre história da família, com particular ênfase na história da paternidade e legitimidade no Brasil do século XX. Ela é particularmente interessada no tema dos direitos humanos na América Latina, e vem participando de uma série de workshops, projetos transnacionais de ensino e intercâmbios sobre temas como justiça e ação social.

O **Projeto Global Feminisms**, localizado na Universidade de Michigan, foi iniciado em 2002 a partir de um financiamento para projetos interdisciplinares em parceria com instituições de outros países. O arquivo virtual inclui entrevistas com mulheres ativistas e intelectuais do Brasil, China, Índia, Nicarágua, Polônia e Estados Unidos.

Nossas colaboradoras no Brasil são pesquisadoras do Laboratório de História Oral e Imagem – [Labhoi](#), da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Núcleo de História, Memória e Documento ([NUMEM](#)) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As entrevistas no Brasil foram realizadas com apoio do *Third Century Learning Initiative* e *the Brazil Initiative at the University of Michigan* e, no Brasil, da FAPERJ e do CNPq.

Sueann Caulfield: Então, estamos falando aqui com a Shirley Villela, que é a coordenadora do projeto social Maré de Sabores, que atua na comunidade da Maré, como parte do grupo maior que é a Redes da Maré, que é uma ONG que atua comunidade da Maré. Então eu queria falar, começar um pouco falando sobre o trabalho com essa organização, o que é, de que se trata essa Maré de Sabores, e como que funciona dentro da rede maior da Maré.

Shirley Villela: A rede de desenvolvimento da Maré trabalha dentro da região da Maré, que é uma região, é bom dar o contexto: são 16 comunidades que formam o Complexo da Maré, e de acordo com o último censo, de 2010, tinham 132 mil moradores divididos por 40 mil casas, domicílios. Então é uma cidade né, é um território gigante, muito complexo, dominado há muito tempo por facções criminosas, e com entradas da polícia, enfim, tem ali uma coisa muito confusa e historicamente é um local visto como um local de violência, na verdade como todas as comunidades de favela do Rio de Janeiro. E na verdade é um lugar tremendamente rico culturalmente, muita gente do Nordeste veio para a Maré, ela começa com pessoas que vêm do Nordeste procurar uma vida melhor no Rio, e começam a se instalar ali na Maré. Então é um complexo que tem muita gente e muito desestruturado, apesar de ter escolas, posto de saúde, não é um lugar totalmente abandonado pelo poder público, mas a escola é de péssima qualidade, o posto médico raramente tem médico, é aquela situação muito precária. E a Redes de desenvolvimento da Maré vem atuando lá já há vários anos, há uma década, e ela atua sobre vários aspectos, ela atua na parte da educação, tentando melhorar a educação dentro das escolas da Maré, ela atua na parte de segurança pública, onde ela mantém um diálogo com outras organizações, e com o poder público, secretaria de segurança, etc., para tentar discutir que política pública que seria interessante para aquele território, para as pessoas que vivem ali, trabalha com comunicação, trabalha com arte e cultura, e desenvolvimento territorial, que é onde nós entramos. O Maré de Sabores é o único projeto da Redes da Maré voltado exclusivamente para mulheres. A Redes da Maré embora tenha em seu estatuto, em toda sua documentação, uma transversalidade em gênero e raça, porque desde sempre percebe-se o quanto isso é estruturante na sociedade brasileira sobretudo nos territórios mais precários e mais pobres, o quanto esse cruzamento gênero e raça é importante, é estruturante, então desde sempre teve esse olhar, mas são tantas as necessidades básicas, são tantas as precariedades, que acabou a Redes nunca tocando realmente um projeto que fosse voltado para as mulheres. O Maré de Sabores vem cumprir essa lacuna. Ele começou em 2010, por uma demanda das próprias mulheres, mães de alunos que trabalhavam nas escolas, mães de alunos que estudavam nas escolas assistidas pela Redes, e elas diziam 'Vocês oferecem tantas atividades para os nossos filhos, a gente quer atividade também, a gente é dona de casa, a gente cuida dos nossos filhos, mas a gente queria fazer alguma coisa, o que que vocês podem?' né... E então a partir daí começou uma grande discussão, se viu que as mulheres cozinham, mas que elas nunca tiveram uma qualificação profissional nisso, e juntou este momento com uma pessoa que é gastrônoma, se formou em gastronomia na universidade, e foi moradora da Maré por muito tempo, e ela nesse momento veio para a Maré e falou: "Então vamos fazer uma oficina, um workshop de gastronomia para essas mulheres, e elas vão ter uma qualificação profissional que permite que elas trabalhem em algum restaurante, que elas abram alguma coisa dentro da casa delas mesmo, no sentido de

vender coisas e ganhar um dinheirinho". Então o projeto começa dentro de uma escola, seis meses depois ele sai da escola e vai para um outro espaço, que é a Lona Cultural da Maré, que é um equipamento público, da prefeitura, mas a Redes da Maré é quem faz a gestão deste local. Então adaptou-se lá duas salas, transformou numa cozinha e o Maré de Sabores começou ali. Então o que a gente faz é qualificação profissional de mulheres da Maré, em gastronomia, e a partir daí se conformou um coletivo de mulheres que começou a fazer pequenos buffets, pequenos serviços de catering para eventos, em seminários elas faziam um coffee break, um coquetel de lançamento de livros, uma festa de final de ano...

SC: Ali mesmo na maré?

SV: Para a Redes, para o Observatório de Favelas, para a universidade federal que é ali do lado, com quem a Redes mantém muito vínculo, então se tinha um seminário na escola de engenharia eles chamavam a Maré de Sabores para fazer o buffet, e assim isso vem acontecendo já há três anos, com muito sucesso porque o número de mulheres cresceu, o número de eventos que a gente faz por ano também cresceu. Esse grupo tem aproximadamente entre 10 e 20 mulheres, a gente consegue, se a gente precisar... tem um grupo core, um grupo mais fixo que é de umas 10 ou 12 mulheres, e tem outras que a gente pode, que têm seus trabalhos, que têm suas atividades, mas que a gente também, em caso de necessidade elas também vêm. E o curso de gastronomia continuou acontecendo, uma vez ao ano, até esse ano, que a gente resolveu fazer dois semestres, então a gente acabou de formar 25 alunas nesse último semestre, e no próximo, em agosto, a gente já está abrindo uma nova turma para formar mais 30 alunas. A gente oferece um certificado, elas aprendem confeitaria, massas, como fazer pães, trabalhar com orgânicos, integrais, elas passam a conhecer, ampliar o seu conhecimento sobre o que significa cozinhar de uma maneira assim, que chega a ser bonito, porque para elas, cozinhar, para as mulheres em geral, não sei como é isso em outros países, sei como é em alguns, mas aqui no Brasil, as mulheres aprendem a cozinhar muito cedo, sobretudo as de mais baixa renda, porque têm que cuidar do irmão, a mãe que sai para trabalhar deixa três, quatro irmãos, às vezes, para uma menina de 10, 11 anos cuidar e fazer o almoço, então é uma coisa que vai meio que aprendendo ali no automático, vai absorvendo aquilo como uma coisa parte da vida né, que é na verdade, cozinhar para si mesmo é parte da vida. Mas no caso delas é mais uma necessidade mesmo, e nunca têm oportunidade de realmente aprender alguma coisa mais, outros aspectos interessantes, nunca param para pensar no que significa aquele ato de cozinhar, nunca param para pensar no que significam os meios de produção alimentar, no que significa produção orgânica, produção integral, o que é um alimento integral, o que ele tem que o outro não tem, os alimentos refinados, transgênicos, então toda essa noção a gente passa para elas, e elas também fazem aula de gênero e cidadania, e eu sou a responsável por essa parte, que de gastronomia eu não entendo nada, rs, mas eu entendo de gênero um pouquinho e é essa parte que eu faço. Então todas que passam pelo curso de gastronomia têm que fazer também o curso de gênero e cidadania. A gente chama de gênero e cidadania, mas é mais uma ação, eu costumo dizer que são encontros, riquíssimos, onde ocorrem trocas muito interessantes, em todas as aulas eu aprendo alguma coisa, então é uma troca mesmo, não é aula, é claro que eu levo algum conhecimento para elas,

sobre violência contra mulher, sobre lei Maria da Penha, sobre os mecanismos protetivos que a lei oferece... A lei Maria da Penha é uma lei de proteção contra a violência, pelo enfrentamento da violência contra as mulheres, que criminaliza a violência contra as mulheres de fato, é de 2006, desde então vários mecanismos, instrumentos, ferramentas foram colocados à disposição das mulheres para que elas realmente tenham esse recurso, né. O projeto também tenta dar conta um pouco disso, porque nessa parte, assim... é claro que o ciclo de violência contra a mulher é um ciclo que envolve muitos aspectos né, e um deles é, às vezes, não só esse, mas às vezes, a própria dependência financeira que aprisiona ela, não permite que ela faça muitas escolhas no momento em que ela tem filhos, e ela não pode sair, ela não tem qualificação, ela não tem educação formal, então fica aquela pergunta 'o que que eu vou fazer?' e ela fica perpetuando aquele ciclo de violência ali. Então quando a gente ensina um ofício, quando a gente dá oportunidade de ela trabalhar no projeto, a gente está pensando também em romper um pouco esse ciclo, em que ela consiga de alguma maneira ter opções e poder fazer escolhas. Não que ela tenha que sair de casa ou tenha que tomar alguma atitude, porque isso é uma decisão muito pessoal, mas ela pode ter outras escolhas.

SC: O curso é gratuito?

SV: Todo. Tudo.

SC: E como que é financiado, não só esse projeto, mas a Redes em geral? É ONG, e tem financiamento de onde?

SV: Pois é, ela tem diversos apoiadores e financiadores né. O principal projeto da Redes hoje e já há algum tempo é esse programa 'Criança Petrobras', que é feito nas escolas, que é de onde nasceu o Maré de Sabores, onde eles trabalham com todos os profissionais das escolas, com os responsáveis e com as crianças, com os estudantes. E esse projeto é financiado pela Petrobras, que é a companhia brasileira de petróleo né, é a estatal de petróleo. E tem outros financiadores, financiadores internacionais, a gente tem apoio da ActionAid Brasil, da Fundação Ford em alguns projetos, porque aí cada projeto também vai captando e vai trazendo recursos. A gente já teve financiamento da Caixa Econômica Federal, que é um banco também privado-estatal, é uma coisa no meio do caminho, hoje não temos mais, temos o Instituto Lojas Renner, que está agora... a gente participou de um edital ano passado e esse ano a gente está construindo a Casa das Mulheres da Maré, que é um "plus" ao projeto Maré de Sabores. Ele nasce a partir da ideia do Maré de Sabores, e aí a Redes tinha esse terreno e a gente está construindo uma casa de três andares, onde vai funcionar o Maré de Sabores, [vamos] sair desse espaço adaptado para realmente um espaço feito para ele funcionar, tanto a parte de aula de gastronomia, quanto a parte do buffet, quanto a parte do restaurante, a gente vai ter um restaurante pequeno que vai servir a comunidade, o que também é uma coisa interessante sob vários aspectos. E também a gente pretende ter outras qualificações profissionais ali, pretende ter assistência jurídica, oferecer assistência jurídica, assistência psicológica, assistência social, para as mulheres da Maré em parceria com universidades, de alguma maneira trabalhando com parcerias, mas é

óbvio: uma casa como essa vai precisar de financiamento né, esse é o meu principal trabalho, eu costumo dizer hoje que o meu principal trabalho é fazer captação de recursos, é tentar encontrar parceiros que viabilizem as coisas em que a gente acredita, que fazendo dentro da Maré a gente pode garantir uma melhoria na qualidade de vida das mulheres dali.

SC: E como começou a Redes, como foi concebida? Pode contar um pouco da história da Redes e também... porque você falou que esse projeto de gastronomia foi a partir das mulheres que são da comunidade pedindo, chegando a rede, chegando às pessoas que trabalham na ONG, e dizendo "nós queremos uma coisa", mas quem concebeu a Redes em si?

SV: A Redes é formada, ela é fundada por pessoas que já tinham um trabalho comunitário, a maioria deles moradores ou ex-moradores que se fizeram em determinado momento a seguinte pergunta, eram pessoas que tinha conseguido chegar à universidade, fazer mestrado, fazer doutorado, e ganhar o mundo sob o viés acadêmico também. E eles sempre olhavam para trás e perguntavam: "por que nós conseguimos e outras pessoas daqui não conseguem? Porque é tão baixo o número de pessoas que conseguem?". Então esse é um trabalho de pesquisa, que várias pessoas, não só da Redes, como do Observatório [de Favelas] vieram fazendo, de tentar se interrogar e tentar entender quais os processos que levam a que alguns consigam e outros não. Dentro de uma mesma família às vezes você tem uma pessoa que vai para a faculdade e outra que faz parte do tráfico. Como você explica essa diferença, dentro às vezes dos próprios lares? Então a partir daí, eles começaram, esse núcleo que fundou a Redes da Maré, Eliana, o Edson, dona Helena, eles foram moradores de lá por muito tempo suas famílias ainda vivem ali, e sempre foi uma questão assim... Essas pessoas tiveram passagens pela associação de moradores, fizeram parte de movimentos políticos dentro da Maré, então não foi assim só porque elas foram para a universidade, elas tinha um envolvimento realmente político com a comunidade. E, a partir disso, elas começam a pensar o que que poderia realmente ajudar, mudar estruturalmente a Maré. E a educação aparece como... é a educação, a educação tem que acontecer, então eles criam um curso pré-vestibular comunitário, esse foi o primeiro projeto da Redes da Maré dentro da Maré.

SC: Isso foi quando?

SV: 2006. O curso começa antes, a Redes da Maré é criada oficialmente em 2007, mas ela já vinha, esse grupo já vinha trabalhando, ou partir de algumas outras organizações dentro da Maré, ou a partir do próprio comprometimento deles mesmos com a comunidade. Então eles criam esse curso pré-vestibular comunitário, que existe até hoje, então por exemplo em 10 anos, não, menos, em 8 anos, 8 anos atrás existia 0,03% de pessoas que já tinham ido a universidade, pessoas da Maré que já tinham ido para universidade - não é nem que estivesse graduado, porque essa continuidade a gente não tem, esse dado, mas que tinham conseguido entrar na universidade, 0,03%. Em 8 anos já são 2% das pessoas da Maré, já conseguiram acessar a universidade, às custas não só desse curso pré-vestibular como de

outros cursos pré-vestibulares que começaram a aparecer em outras organizações. Então a partir disso começa curso de línguas, porque faz uma parceria com alguém, curso de dança porque aí trouxe um coreógrafo que queria fazer um trabalho na Maré e fez, depois ele foi embora e entrou outra, e aí tem o teatro, e aí tem a arte e educação nas escolas, e aí é capoeira, é grafite, é línguas, é música, é dança, é segurança pública, que é uma pauta um pouco mais recente porque não era muito discutido antes, passou a ser uma pauta há poucos anos atrás no Brasil, então isso começa a crescer e a ganhar esse vulto todo.

SC: E aí tem procura de financiamento para projetos específicos, como por exemplo da cozinha...

SV: Exatamente, aí a gente começa a buscar, cada um busca os seus financiamentos, tem projetos de fotografia por exemplo, pinhole, que é uma máquina de fotografia na latinha, que é um lindo projeto que eu adoro; tem de pintura de azulejo, eles têm um forno e eles fazem pinturas; tem de memórias e identidades da Maré que é um projeto lindo também, que através de moradores antigos, as crianças e os adolescentes resgatam a história de algumas comunidades da Maré e partir disso são feitos livros, desenhos, vão dando nome de rua aos moradores antigos, enfim um projeto de resgate e memória assim que é incrível lá dentro.

SC: Vamos então falar um pouco sobre seu trabalho especificamente, não só nesse projeto agora, mas o que levou você a realizar esse trabalho? E queria perguntar primeiro se você vê o trabalho como um trabalho feminista, se você se considera feminista e o que significa feminismo pra você?

SV: Eu acho que o trabalho que a gente faz, apesar de ele não ter uma intenção de uma formação feminista das mulheres, porque são mulheres muito simples que não procuram a gente por esse caminho, porque estão interessadas nisso, elas procuram a gente porque elas querem fazer a qualificação profissional. Esse é um gancho que a gente pega pra trazê-las para refletir sobre outras questões, então eu até evito muito falar sobre feminismo enquanto a gente está ali porque eu percebo que tem até um certo endurecimento delas com respeito a isso. Eu acho que muitas nem sabem, assim, não conseguem entender muito bem o que é o feminismo, mas têm essa imagem pré-concebida de que a feminista é uma pessoa dura e que vai, e que quer ser melhor do que os homens, não sei, têm uma ideia muito simplista sobre o que seja e então eu tento chegar por outros caminhos até elas, mas eu acho que isso produz efeito, eu ouço relatos delas, muitas passam a frequentar o curso de vez em quando e vêm com histórias... Já tem um caso de uma menina que se separou porque o marido realmente batia nela, tinha sérios problemas de violência já há alguns anos e ela não conseguia se desligar e através do conhecimento que ela tomou com as nossas aulas, da própria, como ela diz, nas palavras dela, coragem que ela criou a partir dessas conversas que ela tinha, enfim... Tem outra que conseguiu um trabalho, o marido não queria que ela conseguisse um trabalho e ela conseguiu e foi uma grande tensão familiar, então eu acho que todos esses são caminhos possíveis também de feminismo, que é muito mais empírico, que é muito mais da rua, sabe, muito mais sentido do que teórico,

elas não têm, a gente não busca oferecer um viés teórico pra elas do feminismo, mas o tempo todo em que a gente está ali, a gente está falando com elas sobre isso sim. O fato de ser um projeto voltado exclusivamente para as mulheres, pra elas já é uma novidade, mas como é cozinha, é uma novidade mais ou menos porque também elas não veem muito aquele espaço como um espaço que um homem pudesse estar, então, tem as ideias pré-concebidas que a gente vai dando um jeitinho de ir quebrando, né.

Eu me considero feminista sim, embora eu não tenha tido uma história baseada muito em teoria feminista porque o feminismo meio que entrou na minha vida por vieses um pouco diferenciados e eu acabei absorvendo muito bem, claro porque eu também já tinha, acho que eu já tinha uma tendência muito forte, né, e à medida em que eu fui crescendo, eu desde criança já questionava algumas coisas, já tinha alguns... Eu lembro que nos meus livros infantis, e uma vez eu perguntei isso pra minha mãe, porque na minha casa era um padrão diferente. Eu vou fazer 50 anos, então há 50 atrás, há 40 e poucos anos atrás, as mulheres, nos livros didáticos apareciam sempre de avental, cozinhando, ou com filho, ou com carrinho e o homem estava sempre de terno, ou com roupa de trabalho, dirigindo carro, saindo de casa pra pegar o carro pra ir para o trabalho e a mulher com a criancinha dando tchau na porta... Eu lembro dessas imagens e elas não correspondiam em nada à minha vida, porque minha mãe trabalhava fora, minha mãe não era feminista mas ela trabalhava fora desde que era nova porque a família era muito pobre e todo mundo tinha que trabalhar, 7 filhos, né, eles tinham que trabalhar.

SC: De que cidade você é?

SV: Eu sou daqui, a minha mãe veio de Santa Catarina para o Rio, numa família de 7 filhos e aí todo mundo foi trabalhando aos poucos, todo mundo foi, para de estudar e vai trabalhar, essa era a realidade...

SC: A família dela que era pobre daí ela foi trabalhar.

SV: Isso mesmo, exatamente. Ela foi trabalhando a vida inteira, trabalhou até se aposentar, então...

SC: Trabalhou de quê?

SV: Ela trabalhava na Petrobras como assistente administrativo, setor de pessoal e ela tinha...

SC: E ela conseguiu fazer faculdade?

SV: Não. Ela conseguiu depois que ela já estava, depois que eu já tinha 12 ou 13 anos eu me lembro da minha mãe estudando à noite pra acabar o ensino médio, o High School, porque ela não tinha conseguido acabar nem o ensino fundamental, ela acabou o ensino fundamental assim em um ano e aí fez ensino médio e parou por aí, não quis fazer faculdade.

SC: Seu pai tinha faculdade?

SV: Meu pai também não tinha faculdade. Meu pai estudou pouquíssimo, era um homem inteligentíssimo, inteligentíssimo, mas estudou pouco, na mesma lógica, tem que parar de estudar para ir trabalhar, a vida era muito dura. Continua sendo pra muita gente, né, essa época era uma vida bastante precária. E aí, na minha casa isso não correspondia, porque minha mãe nunca ficava na porta dando tchau para o meu pai que ia trabalhar, ela saía antes dele. Ela saía pra trabalhar antes dele. A minha mãe nunca estava cozinhando em casa, ela cozinhava de noite correndo antes de ir pra aula, era sempre uma vida muito corrida, então aquilo não correspondia, eu sempre questionava aquilo: "por que a mulher não aparece trabalhando? Minha mãe trabalha, ela sai pra trabalhar todo dia, porque aqui não aparece?" Não tinha os dois modelos, demorou muito pra ter os dois modelos, ainda hoje os livros didáticos são muito atrasados, as pessoas negras estão sempre em posição muito subalterna, é o homem de macacão de mecânico, é a mulher como empregada doméstica, como babá, ou sempre profissões assim, nunca é uma mulher negra como médica, ou como arquiteta, ou como engenheira num livro, são sempre os homens que ocupam essa posição. Ainda hoje, ai, não dá pra crer. E eu lembro que eu já questionava esses modelos, né, esses modelos pra mim eram estranhos, assim, porque eu via as minhas amigas, as mães ficavam em casa e eu, eu tinha um conflito com isso, enfim, conflitos infantis, porque eu também queria que a minha mãe ficasse em casa, cuidando de mim, como criança eu tinha esse pensamento, depois não, depois eu achava que era o máximo ela trabalhar. E aí, bom, eu fui trabalhar, eu trabalhei em jornal, como secretária durante muito tempo e depois eu fui para o IBASE, o IBASE é uma ONG muito antiga aqui do Rio, fundada pelo Betinho, que foi uma grande figura no Brasil, uma figura bem importante para o Brasil, com quem eu tive o prazer de trabalhar ainda, e ali tinha um núcleo que era um núcleo que cuidava desses assuntos, dos assuntos mais de gênero mesmo, acompanhava Beijing, lembro da Sônia Correa que era uma feminista histórica, ela indo pra Beijing, ela trabalhava junto com a Magaly [Pazello], enfim, sempre tinha uma discussão muito intensa, era bom ouvir.

SC: Beijinho?

SV: Beijing, é quando...

SC: Ah, Pequim!

SV: Isso, pra cúpula da ONU. É, e acompanhava todos, todas...

SC: Que ano foi isso?

SV: Hm, 95? Creio que foi em 95. E antes disso teve Copenhage, de desenvolvimento humano, já teve assim também do Cairo, enfim, teve todas essas conferências, e isso era...

SC: E o grupo de mulheres era...

SV: Era pequeno, eram 2 ou 3 pessoas...

SC: Mas esse grupo era bastante internacionalizado?

SV: Já. Muito, muito. E muito também articuladas com as organizações feministas aqui do Brasil, SOS Corpo em Recife, CFemea em Brasília, aqui no Rio também algumas, então tinha essa articulação, então esse tema já começou a vir, brotar de uma maneira um pouco mais...

SC: Mais velha que você...

SV: Sim, sim.

SC: E você entrava como a jovem...

SV: É, aprendiz. rs. Mas assim, essa escuta foi, sabe aquela sensação de que você encontra um, a coisa encaixa, né, você tem um pensamento que não sabe muito bem da onde que vem, como você discute, de repente ouvir tudo aquilo te... Opa, perai! É isso mesmo que eu sinto! É o seu sentimento com aquilo que você está escutando, e depois, bom, daí eu fui morar nos EUA por três anos, e fui fazer um trabalho voluntário numa ONG na região de Washington DC, chamada Central of Concern que tinha esse núcleo também que tratava das questões de gênero, de comércio internacional, todos os acordos internacionais, e eu fui fazer esse trabalho voluntário lá, porque, enfim, eu ficava em casa só, trabalhando em casa porque não me deixaram trabalhar, me deram um visto que não me permitia trabalhar no EUA, eu também não tinha...

SC: E depois seu marido...

SV: Meu marido foi trabalhar... É. Como era depois do 09/11 (11/09), foi em 2003, toda a lei de vistos havia mudado e a gente não sabia, só descobri isso lá. E aí o trabalho voluntário foi assim um refresco na vida, foi muito bom. E lá eu comecei a trabalhar com vários movimentos de mulheres da América Latina toda, porque eu fazia um boletim, eu recolhia informações para um boletim que era do comitê de mulheres da Aliança Social Continental, Hemispheric Social Alliance. E esse comitê tratava de pegar iniciativas, acontecimentos, eventos de organizações feministas, de organizações de mulheres por toda a América Latina, América Central, EUA mesmo, Canadá, todo o hemisfério, e foi muito interessante, porque ali eu comecei a conhecer o que estava acontecendo na Bolívia, no Peru, na Argentina, no Uruguai e fui conhecendo aqueles movimentos todos que pra mim, é claro que eu conhecia porque, enfim, meu marido também trabalha muito com as questões internacionais, sempre foi envolvido com todas as conferências, sempre trabalhou no IBASE, então os assuntos e os temas acabam que perpassam a vida pessoal e profissional da gente. Então eu fui conhecendo aqueles movimentos todos, foi muito interessante aquele... perceber o quanto isso estava vivo e muito vivo e muito forte e aqui na América latina, porque a gente tem um problema aqui no Brasil, o Brasil é isolado da América Latina, eu acho que mais porque se isola do que porque é isolado, porque a questão não é só a língua, tem uma questão que... Então a gente não sabe muito que está acontecendo pela América Latina e América Central, a gente não troca muita informação, desde a parte cultural, de artes, de música, teatro, cinema, tudo, com exceção do cinema argentino que é maravilhoso e tem chegado ao Brasil, mas a gente não sabe muito o que está acontecendo, a não ser que você esteja realmente metida dentro de alguma situação que te permita ter esse conhecimento, caso contrário, não. Então foi um sopro assim de: poxa, que bacana que isso

está acontecendo, tudo, né? Eu lembro das mulheres da Bolívia que tentaram estatizar a água, tentaram privatizar a companhia de água e elas fizeram um movimento lindo, por vários municípios e eu percebi que eram lugares bem pequenos e mesmo assim elas conseguiram ter um alcance e reverter a situação e a privatização deu, teve que dar pra trás, teve que estatizar de novo e tudo voltou como estava, então achei aquilo muito poderoso, muito forte. Quando eu voltei para o Brasil, a gente foi morar em Brasília, e aí eu fui trabalhar no que era, naquele momento, UNIFEM, e que passou a ser ONU MULHERES, em 2011, início de 2011. Eu peguei essa transição de UNIFEM para ONU MULHERES. Lá eu fiquei cinco anos coordenando um projeto de Orçamentos Sensíveis a Gênero. Eu não fui pra coordenar, eu fui ser assistente de coordenação, e até que a coordenadora saiu e eu fui aprendendo aquilo, fui me apropriando daquilo, fui me apropriando daquilo até que eu estava funcionando mesmo como coordenadora e acabei assumindo mesmo esse papel. E era super interessante porque já pegava outro mote, que era o mote do orçamento, da questão orçamentária mesmo, de planejamento e de orçamento dos países, a gente trabalhava com governos locais, com municípios, no Brasil, Argentina e Uruguai, e em alguns deles a gente também tentava trabalhar a questão a nível nacional, embora esse fosse um pouco mais difícil de trabalhar, de alcançar, a gente não tinha perna pra dar conta. Mas conhecer essas realidades locais e poder trabalhar a partir do âmbito local com organizações de mulheres vinculadas ou em parcerias com prefeituras, com municipalidades, como acontecia em Rosário, na Argentina, por exemplo, que foi um movimento muito interessante que, essa parceria não se dava antes, era difícil, era arranhada e a gente de alguma maneira foi conseguindo através do trabalho com orçamento, a gente foi conseguindo trazer, fazer uma parceria um pouco mais interessante, elaborada, se juntou a universidade, então acabaram construindo ali um início de um trabalho que eu espero que tenha progredido depois. E a gente trabalhava em Montevideu e em Recife também, foi um trabalho bem interessante. E dentro do UNIFEM, óbvio né, que aí todas as questões de gênero, cruzamento gênero e raça aqui no Brasil, era muito forte esse núcleo, tinha um projeto bastante grande, projeto latino-americano, que tratava exatamente dessas questões de gênero e raça, enfim, dentro outros temas, violência contra a mulher, que aí perpassa por tudo isso e todas as formas de conversas, discussões, participação em seminário, enfim, reuniões incluindo os mais diversos segmentos, movimentos de mulheres, governos, universidades, enfim, a gente conseguiu, eu consegui, na verdade, me apropriar muito desses temas a partir dessa prática cotidiana, né, e a partir das minhas viagens para a América Latina, que aí eu cumpri aquilo que já tinha começado antes, fui ao Peru, eu fui ao Equador, eu fui conhecer de perto, em viagens onde a gente tinha que se encontrar aos grupos, Panamá, Bolívia, Peru, Argentina, Uruguai, Paraguai, então a gente conseguiu fazer um trabalho bem amplo...

SC: Então pra você a relação entre teoria feminista e a própria concepção do feminismo...é muito relacionado com o trabalho em projetos, com o fazer, sempre com uma visão internacional.

SV: Sim, sim. Muito mais empiricamente... Muito mais empiricamente e meio que aprendendo um pouco mesmo, e eu, absolutamente isso não quer dizer que eu de alguma maneira ache que a teoria, que o caminho da teoria não seja o melhor. Comigo aconteceu

assim, mas obviamente isso me fez buscar a teoria porque para embasar o meu trabalho eu precisava também buscar, né, ler coisas, ler as autoras e me apropriar muito mais da parte teórica que não era anterior, ela foi posterior ao meu, a minha entrada no mundo de trabalho mesmo com as mulheres.

SC: E aí quando você veio ao Rio, você procurou trabalhar em movimentos sociais mais locais? Porque que você vem de uma experiência muito internacional, da ONU e indo para diferentes países, agora você está trabalhando numa comunidade grande mas uma comunidade, mais com trabalhos de base, trabalhos comunitários mesmo. Você foi de uma coisa global, mundial pensando mulheres, gênero, num sentido muito grande e você agora está trabalhando numa aplicação bem local.

SV: É, esse caminho é muito interessante, e foi rápido assim, eu vim pro Rio ainda trabalhando no ONU MULHERES, porque o projeto estava fechando e aí eu fiquei aqui no Rio ainda trabalhando seis meses e quando eu acabei esse trabalho, eu fui convidada pela diretora da Redes, que me conheceu em algum momento, soube que eu trabalho com isso e tinha esse projeto que ela não sabia o que fazer com ele, o projeto cresceu muito além da conta, então ela não sabia o que fazer, eu preciso dar pra alguém que entenda disso, que tenha algum viés, que tenha algum conhecimento disso pra tocar, porque a gente não está dando conta de tocar, é, porque o projeto, claro, começou sem nenhuma pretensão e acabou crescendo mais do que as pessoas podiam dar conta. E era o que ela dizia...

SC: Mas você entrou para aquele projeto? Maré de Sabores?

SV: Para aquele projeto, exatamente! Porque o projeto realmente nasce sem nenhuma pretensão, ele nasce como oficina para aquelas mulheres e de repente ele vira uma coisa muito maior que já vem há três anos crescendo, crescendo, crescendo, e ela queria alguém que pensasse não só na qualificação profissional, na gastronomia, na geração de... Ela queria que eu pensasse também, que a direção da Redes tem a expectativa também, é, que a gente está começando a construir, de que eu intervenha sobre os outros projetos e traga um pouco mais da questão de gênero para os outros projetos, né, que torne realmente gênero presente em todos os projetos da Redes. Mas isso é uma coisa lenta e, enfim, é como te falei, as demandas e os problemas são tantos, sobretudo com jovens, jovens do sexo masculino de 15 a 24 anos, que são brutalmente assassinados no Brasil, enfim, é um problema, uma lacuna que está se criando. Então você lidar com isso e pensar que tem que lidar com as mulheres, para algumas pessoas isso é um nó, pra mim não é um nó, eu acho que tem que fazer os dois trabalhos, porque as mulheres são uma ponta mais vulnerável, as mulheres que têm um nível de vida social um pouco mais baixo, elas ficam num estado de vulnerabilidade grande que lhes impõe talvez não a morte por tiro, mas outras violências que elas vivem cotidianamente. Mas enfim, pensar nesse trabalho, né: eu trabalhava num escritório em Brasília, tinha pouquíssimo contato com as organizações que a gente apoiava, a gente apoiava várias organizações. Duas vezes por ano eu fazia essas rondas, essas viagens para poder me inteirar do que estava acontecendo, me reunia com as organizações, mas era isso, eu não estava no dia a dia acompanhando o trabalho delas, eu tinha pessoas que faziam isso nos locais. E de repente, estar ali, trabalhar com elas diretamente, nossa, mas é um salto brutal, é... Não saberia nem muito te explicar assim... Eu

me sinto muito mais, pra mim o trabalho muito mais interessante é esse que eu faço hoje, em termos de estar junto com as mulheres, de perceber diretamente quais são as principais demandas, as principais questões ali daquela comunidade, das mulheres daquela comunidade, que são muitas, também falar "as mulheres" parece que é só um tipo, assim, "as mulheres" são muitas categorias de mulheres, né, algumas que nem dá para categorizar muito, que misturam categorias, enfim, então, observar isso diretamente, nossa, é de uma riqueza, não que não tenha sido, né, foi um outro tipo de riqueza, mas o trabalho com as organizações mesmo, com organização de base, com as mulheres ali da ponta é intenso, é forte, é poderoso e a gente ver a coisa acontecer é muito legal, sabe? A gente perceber como aquela pessoa vai mudando aos pouquinhos, vai se empoderando e já muda o discurso, o discurso que ela chegou era um, o discurso que ela está um ano depois é completamente diferente, ela já está totalmente empoderada, então, assistir a esse movimento dessas transformações é muito interessante.

SC: É muito interessante seu movimento de uma organização global, internacional de financiamento, e onde a questão teórica está sempre presente para um trabalho muito prático, do dia-a-dia, da vida das mulheres. Eu queria saber como você vê a relação entre esse tipo de trabalho que você faz nas comunidades e o feminismo, a história do feminismo no Brasil, ou outras vertentes do feminismo no Brasil. Ou seja: se isso é típico, se eu estou ouvindo bem o que você está falando dentro da ONG, da Redes da Maré tem várias pessoas que trabalham, que têm interesse, que têm uma formação de teóricas de gênero, que tem interesse em mudar relações desiguais de gênero e que estão trabalhando através desses movimentos sociais, dessas oficinas, desses cursos de capacitação e você está lá para ajudar a fazer este trabalho. Então é uma forma de trabalho feminista dentro dos movimentos de base, movimentos sociais mais amplos, você vê isto como uma coisa muito comum no Brasil, ou isso é uma atuação feminista muito específica, como você vê dentro do contexto do feminismo no Brasil mais amplo?

SV: É, eu vi por várias experiências, inclusive a minha experiência no IBASE, as outras organizações que eu conheço, grandes organizações, grandes ONGS no Brasil, a própria universidade, enfim, na verdade há uma enorme dificuldade em absolver a questão de gênero como uma questão estruturante. Na teoria isso é absorvido, mas no trabalho cotidiano dessas organizações são poucos os projetos, se a gente for falar em cada, raramente hoje uma organização trabalha só com um tema né, então dentro daqueles temas que aquela organização trabalha, por mais que, se você leu o projeto, está ali inserido, que tem um trabalho, que tem um olhar para essa desigualdade de gênero, que implica em tantas consequências para a vida real das mulheres, embora isso esteja descrito ali, raramente você percebe... Está muito no discurso, não está na prática, quando chega na prática, percebo isso na Redes, percebi isso no IBASE, percebia isso em várias organizações que eu já tive o convívio, fora as organizações de mulheres, evidentemente, que trabalham com esse tema diretamente, mas as organizações mistas, como a gente chama, que são as organizações que trabalham tanto com homens, não são voltadas só para um público, elas têm muita dificuldade de absorver. Eu acho que isso é um pouco histórico, eu acho que há um movimento de mudança nisso, há uma tentativa de romper um pouco isso, foi mais fácil,

por exemplo, eu percebo absorver raça, porque no Brasil o racismo é tão escandaloso, assim na minha opinião, porque as pessoas dizem que é velado, eu não vejo nada de velado, eu vejo tudo muito escandaloso... A questão da raça entrou de sola, ela conseguiu ser introduzida em vários projetos dentro dessas organizações, mesmo que o assunto, o tema principal não fosse raça, de alguma maneira se conseguiu fazer recortes ali dentro, e inserir esse tema. O tema de gênero já não é tão simples, né? O tema de gênero você tem que estar o tempo todo chamando atenção, mesmo às vezes, por exemplo, na ONU a gente tinha muito essa discussão né? A ONU como instituição né, que é uma instituição, um negócio de louco, uma coisa gigante que está em 190 países, tem regras internas bastante rígidas, porque elas têm que servir para cada, para todos os países, para cada um deles, e tem que conviver também por outro lado com culturas e realidades muito diferentes em cada um desses países então a gente percebia que havia uma dificuldade às vezes, mesmo tendo a ONU mulheres, era como assim: "Não, a ONU mulheres cuida disso, a gente não tem que cuidar". Então se você pega, sei lá, a questão dos refugiados, né, tem que ter, a maioria das pessoas que está ali, no geral, por dados que eu já li, são de mulheres, porque as mulheres fogem com as crianças, muitas vezes os homens vão para lutar, ou são pegos como, enfim, em situações de guerra tem muito essa questão da mulher fugir com a criança enquanto é tempo né, com as crianças., Então os campos de refugiados tinham que ter um trabalho específico, na minha opinião, com mulher, na minha e na de várias pessoas. Havia um pouco essa discussão. Outras agências, o próprio PNUD, que acabava, existe um conselho, não, como era o nome daquilo, era um grupo de trabalho, um GT de gênero que incorporava aqui no Brasil o que todas as organizações tinham que fazer, a OIT por exemplo traz isso bem, a OIT conseguiu incorporar muito bem a questão de gênero e trata a questão de trabalho e gênero de uma maneira bastante intensa, com um trabalho de impacto mesmo né, as pesquisas enfim, campanhas, a questão das empregadas domésticas, elas cruzam a questão de raça e gênero, eu acho que OIT consegue absorver isso de uma maneira interessante, e a OMS talvez. Se bem que eu estou falando essas duas, mas na verdade no complexo da ONU elas estão um pouco mais independentes, mais soltas. Mas enfim, mesmo quando você pensa numa organização assim grande, até o micro, que é uma organização local como a Redes da Maré, você tem dificuldades de trazer o gênero, eu acho que isso é histórico, acho que tem uma tendência de mudança, eu percebi isso no Center of Concern, lá nos Estados Unidos também: tinha esse núcleo de gênero, que trabalhava com essas questões, mas o resto da organização não absorvia, não tinha muito essa troca, porque eu acho que estava em um momento de mudança, naquele momento que eu estava trabalhando lá, eu lembro que essa discussão estava meio que "não, mas tem que incluir aqui um eixo de gênero..", na questão dos Bretton Woods, que era uma discussão sobre as questões financeiras, estruturais, e tal, então tinha sempre alguém chamando atenção para isso, eu acho que eles estavam num momento de adequar um pouco mais. E eu acho que esse é um movimento que eu gostaria de ver acontecer nas organizações em geral. A universidade também tem essas dificuldades, né, acaba que são alguns departamentos que criam os núcleos, ou de estudo, não sei como é nos EUA, mas aqui fica meio que aquele núcleo isolado que trata de gênero, mas como se gênero não perpassasse todos os temas, como se as mulheres não estivessem vivenciando situações diferenciadas sobre todos os temas, a sociologia, antropologia, economia, em tudo isso tem, deveria ter um viés de gênero, né? Como eu te falei, eu fiz Letras, a gente conversou antes, eu fiz Letras, e na hora

de fazer a minha monografia de final de curso, eu trabalhava na ONU Mulheres nessa época, e eu falei não... eu queria fazer uma coisa útil, que servisse tanto para mim, como estudiosa, como para outras pessoas que... e eu percebi que no Brasil não tinha, não tem essa discussão sobre linguagem sexista, não tem nem o questionamento, nem a discussão, é como, está dado isso, é assim porque é assim, porque foi criado assim, e pronto, a gramática diz isso, a gente acata a gramática e está tudo certo. E eu questionava, desde que a Dilma assumiu a presidência que ninguém consegue chamar ela de presidenta, e isso sempre foi motivo de muita discussão quando eu estudava, ela assumiu quando eu estudava, na faculdade, e eu sempre trazia essa questão, e sempre eram discussões, eu lembro do dia que ela foi eleita, na madrugada eu fiquei acompanhando os telejornais e havia essa discussão, "como que a gente vai chamar ela, e agora, como que a gente vai chamar?" rs, e ali ficou decidido que, nas Organizações Globo pelo menos, ou ali, eu acho que já vinha, que já era uma decisão anterior, dada, e que eles discutiram ali, mas se configurou ali, "nós vamos chama-la de presidente", porque presidente é comum aos dois gêneros, é um substantivo comum de dois gêneros, portanto ele admite o masculino e o feminino, então vamos continuar chamando ela de presidente, porque presidenta é muito feio, presidenta é muito feio. E eu ouvi isso muitas vezes, mas ministra também não era comum, governadora também não era comum, prefeita também não era comum, vereadora, não existiam, engenheira, tudo isso foi sendo criado a versão feminina, porque a mulher não estava ocupando esses espaços, a ela não era permitido ocupar esses espaços. Também não lhe era permitido ocupar espaços de quem definiu as regras da gramática, quem definiu as regras da gramática foram homens, então na minha visão de estudiosa naquele momento, existe sim, uma questão, um viés sexista na língua portuguesa. O inglês, o alemão já são outras questões, mas assim como no espanhol, o espanhol está muito adiantado nisso, a língua espanhola já absorveu muitas palavras e muitas formas de tratamento especificamente para as mulheres sem medo de ser feliz, então presidenta lá é o que há, não tem discussão sobre isso. E elas têm estudos, a Espanha com o seu tempo de esquerda socialista que avançou muito né, nas questões das mulheres, com seu ministério, com todas as políticas voltadas para discutir as questões de gênero e trazer esse tema como uma coisa importante para o país e etc, lá eles têm vários estudos e eles tem o NOMBRA,¹ eu fiz também a minha monografia também foi muito baseada muito no NOMBRA, o NOMBRA traz essa discussão. NOMBRA é nomeia, feminino ou masculino, as coisas têm nome, então que seja feminino ou masculino né, e NOMBRA tem assim, NOMBRA as profissões, nomeia as profissões, nomeia os títulos, nomeia as pessoas, nomeia os substantivos, nomeia tudo. E nas minhas andanças pela América Latina, México, não sei o que, eu já percebia que tinha, as pessoas tinham

¹ NOMBRA é um guia desenvolvido pela Comissão de Linguagem do Instituto do Conselho de Mulheres (do Ministério de Trabalho e Segurança Social) da Espanha no início dos anos 1990. Eles publicaram panfletos sobre gênero e linguagem em uma grande variedade de áreas, incluindo saúde, ocupações, questões jurídicas. Mesmo que este esforço tenha sido comprometido quando o partido socialista perdeu poder para um governo conservador em 2012, o panfleto inspirou mulheres de todo o mundo em questões relativas a linguagem e comunicação. Veja <http://www.envio.org.ni/articulo/1581> (acesso em 25 de fevereiro de 2016).

absorvido isso de uma maneira muito mais fácil, a língua portuguesa assim, nem no uso e nem na regra, ela não absorve. Então, foi um estudo interessante esse.

SC: Estou vendo que o tempo está curto, então queria fazer só mais uma pergunta. Como você vê o futuro, seu futuro em termos do seu trabalho, se você se vê dentro desse projeto, ampliando, e continuando, ou se você se vê fazendo outras coisas, e como você vê o futuro do feminismo no Brasil, se essas duas coisas são relacionadas?

SV: É, bom, a Casa das Mulheres é um sonho que definitivamente concretamente está sendo construído, está lá em obras. Então eu me vejo coordenando a Casa das Mulheres, é a expectativa que a direção tem, que eu tenho, e acho que tem toda a intenção, a vontade, a capacidade de estar naquele espaço e de realmente fazer um trabalho que atraia as mulheres da Maré lá para dentro, que a gente possa dali ampliar para outras coisas, ampliar o mundo delas das várias maneiras possíveis, que são possíveis fazer dentro de um lugar, né. Eu vejo isso talvez criando um núcleo jovem feminista lá dentro, começando uma coisa, esse também é um pensamento que eu tenho, como que a gente vai fazendo isso, vai ser caminhando né, aprendendo, e caminhando... E sobre o feminismo no Brasil, assim, tem que pensar meio que no mundo, e meio que no Brasil, porque as coisas agora estão tão globais, que já é difícil pensar, as coisas que acontecem lá fora muitas vezes reverberam aqui né. O Brasil realmente é um país que tem muito o que avançar na esfera de gênero, tem muito o que avançar nessa discussão, eu acho que o governo, o último governo do Lula, o primeiro e o segundo governo do Lula, tanto no primeiro momento, quanto no segundo, ele deu passos muito importantes em relação a gênero, ele criou conferências nacionais, ele criou uma secretaria com status com de ministério, a quem ele deu poder, onde ele colocou uma pessoa que realmente impulsionou a agenda de gênero no Brasil, e achei que foi super importante, assim como ele fez com raça, ele criou também uma secretaria de igualdade racial, então foram avanços muito significativos, e que com a entrada da Dilma, que a gente tinha a expectativa, de por ser mulher, avançar mais, eu acho que a gente não avançou muito não, eu acho que a gente permaneceu onde a gente estava, se é que não retrocedeu um pouquinho. Mas eu acho que esse tema tem que vir, ele tem vindo, ele tem acontecido, essa coisa das redes sociais, apesar das críticas que eu tenho às redes sociais, embora eu participe delas, evidentemente né, mas, apesar da crítica da alienação, da superficialidade, da pouca profundidade, etc, da volatilidade dessas informações né, como são voláteis, como mudam, como tudo se posta ali, como tudo se coloca, ao mesmo tempo ela traz também uma coisa interessante, que é essa disseminação, que é esse correr, é esse chegar de informação a pessoas que talvez, não tivessem a oportunidade de ter aquela informação ou de ter acesso àquela reflexão, não é nem informação, às vezes é só uma frase que a pessoa lê e dá aquele estalo nela sobre repensar alguns hábitos. Há pouco tempo teve uma campanha chamada "Chega de Fiu-fiu". Fiu-fiu é o som que se faz quando uma mulher passa na rua, aqui no Brasil isso é assim muito desagradável porque é de uma maneira sempre muito ostensiva, se falam coisas muito desagradáveis, eu sei que isso não é só aqui, eu sei que isso é mundial, e aí fez-se essa campanha onde as mulheres diziam "ei, para com isso, eu não quero mais isso" e os homens ficaram muito chocados 'poxa, a gente achou que a

gente estava agradando' rs. Então assim, trazer um dado bobo como esse, de que 70% das mulheres se sentem incomodadas, se sentem assediadas, se sentem invadidas, com as coisas que são ditas na rua, os olhares, e os homens pararem para observar isso por um outro ângulo, isso é legal, trazer esse tipo de discussão, a questão da violência contra as mulheres, criminalizar isso, "olha, você vai para a cadeia se você bater, isso não é natural, isso não é normal, isso não tem que seguir esse padrão, não é assim que funciona" é muito interessante, e realmente eu acho que isso gera uma mudança de comportamento, mas a gente tem muito que caminhar, tem muito o que romper, tem muitos pensamentos que estão muito cristalizados na cabeça, não só dos homens né, na cultura, na sociedade, porque as mulheres também estão aí sendo educadas, e absorvendo esse mesmo tipo de cultura, tem um caldo cultural, um caldo de sociedade e então eu acho que a gente tem muito o que caminhar mas a gente caminha, e é um passo atrás do outro e a gente vai construindo com o nosso trabalho de formiguinha, rs.

SC: Muito Obrigada.

SV: Por nada, espero que tenha sido bom!